

Sobre Ismálias e as (im)possibilidades de desejo de amar, além-mar: escrita clínica

Ana Lucia Gondim Bastos

Resumo

Fazendo alusão ao poeta mineiro, Alphonsus de Guimarães, que publicou *Ismália*, poema sobre uma mulher que enlouquece e, encarcerada numa torre, sonha com a possibilidade de se aproximar das duas luas que vê: uma no mar, outra no céu. O poema traz dualidade a todo momento, desejos antagônicos: divisão entre céu e mar, corpo e alma. O presente artigo procura investigar através da escuta clínica aquilo que reflete na realidade psíquica singular a realidade brasileira, que é marcada pela luta de classes e pelo racismo estrutural. Duas mulheres atravessadas por suas marcas sociais se encontram em posições muito diferentes, porém ambas dividem o mesmo consultório. Este artigo prevê o encontro de Camila e Glória como um encontro de *Ismálias*, cuja cegueira ou recusa em relação à dimensão política que a ética psicanalítica implica têm sérias e profundas consequências, seja para uma, para a outra ou para a dupla analítica.

Palavras-chave:

racismo estrutural; recusa; subjetividade; poema; ismália.

Abstract

Alluding to the poet from Minas Gerais, Alphonsus de Guimarães, who published *Ismália*, a poem about a woman who goes mad and, imprisoned in a tower, dreams of the possibility of getting closer to the two moons she sees: one in the sea, the other in the sky. The poem brings duality at all times, antagonistic desires: division between sky and sea, body and soul. This article seeks to investigate, through clinical listening, what reflects the Brazilian reality in the unique psychic reality, which is marked by class struggle and structural racism.

Two women traversed by their social marks find themselves in very different positions, but both share the same office.

This article envisages the meeting between Camila and Glória as a meeting between *Ismálias*, whose blindness or refusal in relation to the political dimension that psychoanalytic ethics implies has serious and profound consequences, whether for one, for the other or for the analytic duo.

Keywords:

structural racism; refusal; subjectivity; poem; ismália.

Sobre Ismálias e as (im)possibilidades de desejo de amar, além-mar: escrita clínica

Sobre Ismálias

Em 1910, o poeta mineiro, Alphonsus de Guimarães, publicou *Ismália*, poema sobre uma mulher que enlouquece e, encarcerada numa torre, sonha com a possibilidade de se aproximar das duas luas que vê: uma no mar, outra no céu. O poema traz dualidade a todo momento, desejos antagonísticos: divisão entre céu e mar, corpo e alma, que não se conjugam fora do contexto da morte ou da loucura.

Freud, a essa altura da história, já estava cruzando o Atlântico para difundir a Psicanálise no Novo Mundo. Chinalli (2009) nos informa que Lacan teria ouvido do próprio Jung que, diante da Estátua da Liberdade, na viagem que fizeram juntos aos EUA, em 1909, Freud teria proferido a célebre frase de que estaria “trazendo ‘a peste’ à América do Norte”, referindo-se ao caráter subversivo da Psicanálise. Talvez Freud dissesse isso em função da já consistente discussão teórica e clínica que o fazia argumentar, “na contramão do cartesianismo, (sustentando que) não somos indivíduos, e sim seres divididos entre sistemas psíquicos frequentemente contraditórios” (IANNINI E TAVARES, 2019. p. 17).

Tal constatação considera a inequívoca impossibilidade de previsibilidade e de massificação do que esperar de cada história particular. Um devir a ser suportado, sustentado, nas “fronteiras abissais do território desencantado da psicanálise. As fronteiras (que) certamente passam pela região fascinante do desejo e pelo arquipélago sagrado do desamparo. É para a cartografia desses lugares que devemos nos encaminhar” (BIRMAN, 2001 p. 36) para falarmos sobre Ismália, Ismálias.

Em 2019, Emicida se inspira na Ismália do século anterior para falar, também, de outras contradições, outras dualidades e outras (im)possibilidades ao desejo de amar. Desta vez, o corpo de Ismália é negro, e 80 tiros o fazem lembrar que existe pele alva e pele alvo! Emicida traz a dimensão política de uma sociedade de matriz escravocrata e colonial, portanto racista e manicomial, cuja lógica da exclusão e do extermínio marcam, necessariamente, os corpos e as histórias de todos, ninguém sai ileso, onde subjetividades são forjadas num caldo de cultura que comporta e naturaliza a tortura, dependendo de quem seja a vítima.

Em *O mal-estar na atualidade*, Birman dizia que:

uma parcela substantiva da comunidade analítica se esqueceu de que a subjetividade sofrente tem um corpo e que é justamente neste que a dor literalmente se enraíza. A rigor, não existe sujeito e seu corpo, numa dualidade e polaridade insuperáveis, mas um corpo-sujeito propriamente dito. (2001, p. 21)

O que o autor ainda não trabalhava naquele momento de sua obra era a necessidade de se colocar em jogo, não só os corpos, mas os significantes que atravessam esse corpo, como cor e gênero. Significantes inseridos num arranjo semântico, político, econômico e histórico, que conferem na “complexidade do processo do espelho que, para o negro (por exemplo), produz

um processo de identificação com a ‘brancura’ enquanto justamente aquilo na sua imagem especular, lhe escapa” (NOGUEIRA, 2020, p. 98).

Neste ponto, talvez seja importante parar para conhecermos as *Ismálias*, a de 1910 e a 2019:

Quando *Ismália* enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.
No sonho em que se perdeu,
Baniu-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...
E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...
E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...
As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

(*Ismália*. Alphonsus de Guimarães, 1910)

A seguir, a *Ismália* de Emicida, 2019:

Com a fé de quem olha do banco a cena
do gol que nós mais precisava na trave
A felicidade do branco é plena
a pé, trilha em brasa e barranco, que pena
Se até pra sonhar tem entrave
a felicidade do branco é plena
a felicidade do preto é quase
Olhei no espelho, Ícaro me encarou:
‘Cuidado, não voa tão perto do Sol
eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei’
O abutre quer te ver de algema pra dizer:
‘Ó, num falei?!’
No fim das conta, é tudo *Ismália*, *Ismália*

Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Quis tocar o céu, mas terminou no chão
Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Ismália, Ismália

Quis tocar o céu, mas terminou no chão
ela quis ser chamada de morena
Que isso camufla o abismo entre si e a humanidade plena
a raiva insufla, pensa nesse esquema
a ideia imunda, tudo inunda
A dor profunda é que todo mundo é meu tema
paisinho de bosta, a mídia gosta
Deixou a falha e quer migalha de quem corre com fratura exposta
apunhalado pelas costa
esquartejado pelo imposto imposta
e como analgésico nós posta que
um dia vai tá nos conforme
que um diploma é uma alforria

Minha cor não é uniforme
hashtags #pretonotopo, bravo!
80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo
Quem disparou usava farda (mais uma vez)
Quem te acusou nem lá num tava (banda de espírito de porco)
Porque um corpo preto morto é tipo os hit das parada:
todo mundo vê, mas essa porra não diz nada
Olhei no espelho, Ícaro me encarou:
'cuidado, não voa tão perto do Sol
eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei'
O abutre quer te ver drogado pra dizer:
'Ó, num falei?!'
No fim das conta é tudo Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Quis tocar o céu, mas terminou no chão
ter pele escura é ser Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Quis tocar o céu, mas terminou no chão
(terminou no chão)

Primeiro cê sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles
nega o deus deles, ofende, separa eles
Se algum sonho ousa correr, cê para ele
e manda eles debater com a bala que vara eles, mano
infelizmente, onde se sente o Sol mais quente
O laque ainda tá presente só no caixão dos adolescente
quis ser estrela e virou medalha num boçal
Que coincidentemente tem a cor que matou seu ancestral
Um primeiro salário
Duas fardas policiais
Três no banco traseiro
Da cor dos quatro Racionais
Cinco vida interrompida
Moleques de ouro e bronze
Tiros e tiros e tiros
O menino levou 111
Quem disparou usava farda (Ismália)
Quem te acusou nem lá num tava (Ismália)
É a desunião dos preto junto à visão sagaz (Ismália)
De quem tem tudo, menos cor, onde a cor importa demais

Sobre mares e tormentas, as Ismálias do filme *Praça Paris*, de Lucia Murat (2017), Camila (personagem de Joana Verona) e Glória (personagem de Grace Passô) são duas mulheres jovens que trabalham na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Camila, uma portuguesa branca que vem ao Brasil fazer pesquisa acadêmica e, durante seu tempo como estudante na pós-graduação na UERJ, provavelmente como forma de pesquisa de campo, também atende no Serviço de Psicologia Aplicada da Instituição.

É nesse contexto em que Camila conhece Glória, mulher negra, pobre, empregada da UERJ, que procura ajuda psicológica no serviço oferecido pela Universidade. “A sustentável leveza do psicanalista”, proposto por Birman como tema de um dos seus capítulos de *O mal-estar na atualidade* (2001, p.31), aquela que fala da posição do analista na experiência psicanalítica como “co-autor nos possíveis destinos do sujeito naquele contexto (...) pelos desdobramentos inevitáveis que uma análise implica no percurso de uma determinada subjetividade”, vai ficando insustentável para Camila no decorrer do processo. Aqui, proponho o encontro de Camila e Glória como um encontro de Ismálias, cuja cegueira ou recusa em relação à dimensão política que a ética psicanalítica implica têm sérias e profundas consequências, seja para uma, para a outra ou para a dupla analítica.

Para fora da condição de ascensorista do prédio universitário, condição invisibilizada por um corpo uniformizado que só pode pertencer àquele território na condição de subalterna, Glória tem um irmão preso e toda uma rede de convivência que vai desestabilizando a possibilidade de Camila sustentar seu lugar de analista. Camila atravessou o Atlântico buscando respostas, mas, ainda parafraseando Birman, “talvez tenha tido o tiro saído pela culatra”. Busquemos, en-

tão, formas de análise desse encontro de Ismálias e a compreensão do que estaria em jogo ali. Milan Kundera, num breve romance intitulado *A Ignorância*, fala sobre o:

sofrimento causado pelo desejo irrealizado de retornar. Para essa noção fundamental, a maioria dos europeus pode utilizar uma palavra grega (*nostalgie*, ‘nostalgia’) e também outras palavras com raízes em sua língua nacional: *añoranza*, dizem os espanhóis; ‘saudade’, dizem os portugueses. Em cada língua, essas palavras possuem uma conotação semântica diferente. Muitas vezes, significa apenas a tristeza provocada pela impossibilidade de voltar ao país natal. Nostalgia do país. Nostalgia da terra natal. (2005)

A busca além-mar de Camila é pela história da avó que não retornou para casa, como o fez Ulisses, em sua Odisseia. Ele, sim, conseguiu o caminho de volta para os braços de Penélope, abandonando a exploração apaixonada do desconhecido na morada de Calipso. Seguimos com Milan Kundera, a esse respeito:

Calipso, ah, Calipso! Penso muito nela. Ela amou Ulisses. Viveram juntos durante sete anos. Não se sabe por quantos anos Ulisses compartilhou o leito com Penélope, mas com certeza não foi por tanto tempo. No entanto, exaltamos a dor de Penélope e desprezamos o choro de Calipso. (2005, p.11).

A etimologia do nome da ninfa é *καλύπτω* (*kalyptō*), que significa ‘esconder’, ‘encobrir’, ‘ocultar’, o que, talvez, nos dê pistas dos porquês de Ulisses se sentir tão impelido a deixar sua morada e voltar para Penélope, num grande retorno à segurança em solo conhecido.

A avó de Camila, ao contrário, não conseguiu realizar o caminho de volta. À maneira de *Ismália*, de Alphonsus Guimarães (1870-1921), ao sonhar com duas luas, encontra saída na morte. Intrigada com a história que é sua também, Camila, do despenhadeiro, olha o mar de sua terra natal e num mergulho emerge no Rio de Janeiro para concluir suas pesquisas: a primeira sobre seu passado, sobre a Ismália que foi sua avó, e a outra sobre a violência no Rio de Janeiro. O encontro com Glória no *setting* analítico faz com que Camila passe a enxergar mais seu entorno, perceber a cor e a condição social das pessoas invisibilizadas socialmente que cruzam com ela pelas ruas (diriam Gil e Caetano: “todos pretos ou quase pretos de tão pobres”). Glória tem nome e sabe narrar sua história se tiver quem a possa ouvir, Camila abre esse espaço.

No tempo que Glória passa no cubículo do elevador apertando botões, é pouco enxergada. Ela, tampouco, repara muito em quem entra e sai, parecem todos meio iguais entre si e tão diferentes dela. Até o dia em que uma das pessoas que está ali, pedindo para que ela aperte um dos botões do elevador, é sua analista. Sim, finalmente, é capaz de reconhecer alguém e de ser reconhecida naquele espaço apertado e tão familiar. Nos minutos que estão no cubículo do elevador, fora do *setting*, a analista parece ter mais vida fora de cubículos (um namorado, talvez sonhos). Glória, no processo de análise, no encontro com Camila, começa a questionar cubículos e a olhar para os caminhos que a levaram para cada um deles em sua história. Conta de tantos outros, além do elevador, do quarto que era levada para ser abusada pelo pai, da cela

onde vai visitar o irmão, de onde recebe revista para chegar até lá e tantos outros cenários que vão fazendo Camila temer encontrar, quem sabe, outra Ismália, agora a do Emicida.

Camila começa a estranhar as faltas de Glória às sessões, a rezear sobre o que podia ter ocorrido, passou a convocá-la a ocupar o espaço, acreditando que o espaço da análise pudesse abrir janelas para respiros, palavras circulando, onde o oxigênio pudesse ser renovado. Contudo, o contrário acontece, e a história e a presença de Glória parecem invadir os quatro cantos da vida de Camila, e a Ismália, de Emicida, vira espelho para Camila se perceber a *Ismália* de Alphonsus Guimarães. Aquela que almejava abrir frestas para oxigenar os espaços de movimento e elaboração de excessos vividos por Glória passa a tê-la como um excesso e, como tal, sem contorno possível. Como na canção de Chico Buarque, “O que não tem certeza, nem nunca terá/ O que não tem concerto, nem nunca terá/ O que não tem tamanho.”

A potência do sonhador

Durante uma das sessões, Glória conta um sonho que tivera, dentro do qual vivia a vida de Camila. Diz Glória: “eu falava igual a ti. E era rica, bonitinha, tinha trocado de lugar, mas você não ia querer ter uma vida como a minha. Ia?”. O sonho, guardião do sono, para Freud (1900), um caminho para realização de desejo encoberto, faz Glória, talvez, conseguir descansar, condição para o pensamento que, por sua vez, é condição para transformAÇÃO. O encontro de Camila e Glória foi, sem dúvida, transformador para ambas. Um encontro cheio de riscos (como é próprio dos encontros humanos), também, cheio de possibilidades que se abrem, individual e coletivamente.

O sonhaDOR pode reconhecer a DOR no momento em que conta do desejo expresso no sonho, desejo de escapar dessa DOR e, nesse momento, o analista vira o escutaDOR necessário. Contudo, a disponibilidade do analista de entrar em contato com suas próprias questões, temas e urdiduras de sua rede simbólica, é condição para realização do trabalho analítico. É nesse sentido que o filósofo Cornelius Castoriadis diz que a psicanálise deve ser entendida como uma atividade “prático-poética, onde dois participantes são agentes”. Podemos pensar que é o olho do outro que possibilita que olhemos para dentro de nossa casa, que estará sempre referida à primeira casa, a casa de onde viemos, a casa de nossos pais e avós. É lá que existe um tesouro de lembranças infantis subtraídas desde o começo ao PCs (e que) passa a ser condição prévia da repressão” (FREUD, 1900).

O sonho de Glória faz Camila sonhar também. No entanto, nesse caso, não com uma simples troca de lugares, na possibilidade do sonho como realização de desejo, como o que aconteceu com a primeira. Camila se depara com o traumático, com o recusado diante do risco de ameaça narcísica devastadora. O traumático de se perceber herdeira de uma história de violência e subjugação. Perceber-se parte da história de violência sobre a qual estuda, supostamente de forma crítica, como se estivesse mais distanciada dela, territorial, corporal e historicamente, do que realmente está. No sonho, se vê envolvida até o último fio de cabelo e se apavora com o que vê. Para Ferenczi (*apud* Veríssimo, 2017, p. 242) não é exatamente na memória do acontecimento que reside o traumático, e sim na experiência “que põe em dúvida o sistema – até então, confiável – de relações, representações e valores, que ataca o *self* e suas construções, pelo qual nem o si mesmo, nem os outros serão os mesmos.”

Verissimo (2017, p. 243) discute a clivagem e o fetichismo na constituição narcísica do negro, que recebe o ideal cultural imaculado da brancura, negada de início à sua condição orgânica. A brancura faz-se fetiche e ainda nas palavras da autora: “diante da relação com a brancura fetiche, algo dessa realidade não poderá ganhar significado e seguirá carente de simbolização na problemática narcísica.”

O sonho que leva a personagem de Camila a estados de extrema angústia, sonho no qual é vítima da violência do tráfico, nos faz pensar na condição do branco e de sua constituição de sujeito dentro do laço social. O branco que também usa o mecanismo protetivo da clivagem por não se reconhecer, não só herdeiro de uma história de subjugo colonial e escravagista, mas também agente da violência consequente, que assombra seu cotidiano presente. Aqui, voltamos à função traumatológica do sonho, a que se refere Ferenczi (2011, p. 130), qual seja a de “retorno de impressões sensíveis traumáticas não resolvidas que aspiram à resolução”. No capítulo *Sobre Sonhos, titanics e navios negreiros* que escrevi, em coautoria com Jaquelina Imbrizi e Adriana Domingues, na coletânea *A Psicanálise na Encruzilhada: desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil*, discutimos a nova modalidade de sonhar na contemporaneidade, apontada por Birman (2020), que não cumpre apenas a função de realização do desejo, mas também a função de elaboração da dor do viver, da dor do trauma.

Trata-se de uma função do sonho vinculada ao fato de que o sujeito visa a elaborar o acontecimento traumático, mesmo que ele acorde angustiado de uma cena que traga o terror da morte. Houve ali uma tentativa de trabalho psíquico no qual o sujeito tenta sair de um lugar de assujeitamento para ocupar uma posição mais ativa diante de restos diurnos que o angustiam e que têm a potência de (re)atualizar outras cenas traumáticas em sua trajetória de vida. (BASTOS, DOMINGUES, IMBRIZI, 2020, p. 185).

A psicanálise quando passa a constituir um novo campo, justamente com a publicação de *A Interpretação dos Sonhos*, em 1900, traz tanto uma construção teórica quanto de análise de casos clínicos e se desenvolve num permanente e crescente movimento epistemológico que parte da clínica e a ela retorna. Assim, Freud, no decorrer de suas elaborações metapsicológicas, ao abrir espaço para que sentidos possam ser revisitados, ampliados, transformados, numa resistência à homogeneização de efeitos e repetições de significações vai tecendo uma teoria cujos contornos vão ganhando novas formas, sempre.

A percepção da importância dos efeitos produzidos pelo encontro subjetivo, que se estabelece durante uma sessão, é peça fundamental daquilo que a psicanálise traz como novidade nas formas de abordar/compreender/intervir (n)as questões subjetivas. O atendimento de Dora (1901) já havia mostrado a Freud que não poderia ficar de fora do tratamento psicanalítico e das interpretações que comporta aquilo que ele veio a conceituar como transferência – “repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 514) na relação analítica, claramente voltada para a figura do analista. Por isso mesmo, a transferência seria pedra angular de todo tratamento psicanalítico e seria, privilegiadamente ali, naquele espaço, que transformações poderiam acontecer.

Considerando a relação constituinte sujeito/cultura, a subjetividade humana só pode ser

entendida, do ponto de vista psicanalítico, em um processo de constante transformação e nunca como um estado a ser atingido rígida e definitivamente. Aí reside o grande potencial revolucionário das propostas freudianas.

No entanto, temos que:

(...) a longa tradição do cientificismo e do eurocentrismo deu origem a uma ideia de universalismo abstrato, que marca decisivamente não somente a produção do conhecimento, mas também outros âmbitos da vida: economia, política, estética, relação com a natureza etc. Em todas essas esferas, nesses mais de 500 anos de história colonial/moderna, os modelos advindos da Europa e de seu dileto filho – modelo norte-americano após a Segunda Guerra Mundial – são encarados como o ápice do desenvolvimento humano, enquanto as outras formas de organização da vida são tratadas como pré-modernas, atrasadas e equivocadas.

(BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES E GROSFUGUEL, 2020. p. 12)

Tal universalismo abstrato, necessariamente tido como desincorporado e sem nenhuma localização geopolítica, cria um sujeito universal, também para psicanálise, que faz com que o homem branco europeu colonizador nos sirva de parâmetro e seja norteador de expectativas sociais. A erudição eurocêntrica esperada e espalhada em nossas conferências e trocas psicanalíticas e o pacto narcísico da branquitude – discutido amplamente por Maria Aparecida Bento em diálogo com o psicanalista Kaes quando diz que “‘pactos narcísicos’ solicitam a cumplicidade narcísica do conjunto dos membros do grupo e do grupo em seu conjunto” (*apud* DAVI; VILLAS-BOAS E MOREIRA, 2020) – expresso na cor da maioria esmagadora de nossos auditórios ou mesas de debate, revelam que também nós, especialistas em trabalhar com “escondidos”, “encobertos” e “ocultos”, muitas vezes (para não dizer todas as vezes) buscamos o espelho generoso de Ulisses na busca de um retorno à condição de colonizadores.

Assim, nos distanciamos da nossa condição de colonizados, com subjetividades forjadas num ambiente sócio-cultural, além de patriarcal, escravocrata e colonial. O silenciado que fica retornando como bem trabalha Freud em sua obra tão conhecida por nós, *Recordar, Repetir e Elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II* (1914). Os lugares discursivos que sustentam o laço social, ao mesmo tempo que os criam como (im)possibilidades, são passíveis de reconhecimento pela dupla analítica?

Glória, no sonho de “trocar de lugar” com a analista, foi capaz de perceber seu corpo cheio de desejo de amar. Um corpo erotizado e potente para protagonizar outras histórias além das de submissão fixadas pela cultura racista, colonial e manicomial. O negro, fixado na figura do escravizado, o corpo da mulher coisificado, o favelado preto perigoso e sem recursos intelectuais ou possibilidades afetivas. Um corpo fixado em estereótipos de um sujeito incapaz de assumir a condição desejante aos poucos aparece em cenas repletas de erotismo. Mas esse movimento todo leva a confirmação do espelho de Ícaro, da música de Emicida, “eles num guenta te ver livre, imagina rei”. E por que será?

Com base na ideia de pacto narcísico da branquitude, chegamos com Cida Bento à preocupação branca com a perda de um lugar de privilégios, mas também ao medo “da responsabili-

zação pelas desigualdades raciais (que) constituem o substrato psicológico que gera a projeção do branco sobre o negro, carregada de negatividade” (BENTO, 2002, p. 8). De repente, Camila também precisou se perceber no lugar dessa engrenagem que mortifica e paralisa, em uma lógica de controle e extermínio de um grupo para que este não se rebelde.

Cúmplices de um crime perfeito, como disse outro dia Emiliano Davi em conferência, crime perfeito porque culpabiliza a vítima e assim engendra a necropolítica, descrita por Mbembe (2017), política de extermínio de um grupo. Também em uma conferência, Cristina Rocha Dias (2021) nos convida a pensar no lugar de vulnerabilidade que o analista ocupa como escutaDOR¹ e se este é capaz de observar essas profundas marcas coloniais na escuta clínica. É possível dar continência ao excesso do traumático produzido nessa história de violência?

Como é para o analista começar a entender-se forjado a partir dessa recusa de uma história de expropriação? Quando Camila se desloca, através de sua relação com Glória, da condição protegida de europeia, branca, vivendo na Zona Sul carioca e fazendo pós-graduação e se percebe vulnerável frente à realidade de sua paciente, dá-se a “troca de lugares”, do sonho da paciente e, aí, pelo menos uma Ismália sucumbirá. Ou quem sabe as duas? O que fazer, então? Neusa Santos Souza (1998) abre possibilidades de respostas quando diz:

(...) pudesse o sujeito dizer sim ao estrangeiro, esse passageiro da diferença, e o estranho haveria de se conjugar, não com inquietude, desalento, dor e medo, paixões tristes, mas, aliar-se com alegria do novo, com a afirmação do múltiplo, afirmação trágica do plural, do diferente, só assim o estranho viria se definir como afirmação alegre da diferença, verdadeiro antídoto contra toda forma de racismo, o racismo é essa peste, esse olhar odioso que afeta o outro.

Esse exercício de análise do filme nessa chave decolonial e antirracista faz parte de uma proposta de pensamento psicanalítico que vem encampando minha prática profissional e que consiste no rompimento com a universalidade imposta pelo colonialismo, necessariamente racista. Considero que as teorias precisam engendrar um corpo-política e uma geopolítica do conhecimento (como propõem Bernardino-Costa; Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2020), que produzem narrativas com corpos racializados e geopoliticamente determinados para que a escuta analítica se dê de fato.

A noção de que raça é uma chave de entendimento do sujeito negro, e que o branco não precisa se preocupar com isso, pois se coloca no lugar do universal, faz com que nos coloquemos numa série de padrões re-acionários que, por princípio, nos insere numa lógica antipsicanalítica, que promove engessamentos em padrões, homogeneização de efeitos e repetições de significações. Nada mais coerente com a própria psicanálise do que questionarmos a que se propõe e a quem serve, na atualidade, obrigando aos psicanalistas saírem de zonas de conforto, desnaturalizando condutas e se perguntando acerca dos porquês do sempre o mesmo.

1. Na aula inaugural do curso Formação em Psicanálise do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, ministrada pela professora Cristina Rocha Dias em 01/03/2023, *Escuta-dor e a construção da clínica na formação*, a autora desenvolve e aprofunda o conceito de escuta-dor, no contexto da psicanálise, como já vinha trabalhando em outras falas.

Peter Pál Pelbart traz uma convocação que me parece oportuna para este momento do trabalho. O autor nomeia: *Necropolítica tropical: fragmentos de um pesadelo em curso* (2018). Ele diz:

Ousemos um passo extravagante. E se nosso fascismo ascendente não fosse um produto importado, como parece? E se fosse prata da casa? E se apenas recolhe e atualiza o que nossa história nos legou? Aceitamos a provocação de Achille Mbembe: ao invés de remetermos ao nazismo o horizonte da barbárie vigente ou ascendente em tantos cantos do mundo, não caberia recuar um pouco mais, até a plantation de nossa história colonial? Não foi ali, naquele espaço e naquele tempo, que surgiu o primeiro ‘laboratório biopolítico do planeta’, com sua racionalidade própria – figura emblemática e paradoxal do estado de exceção? Muito antes da deportação dos judeus, ciganos, homossexuais ou comunistas para os campos de concentração nazista, não foi o trato com o negro importado da África, privado de qualquer estatuto jurídico, a matéria prima da experimentação biopolítica? Não foi naquele contexto que começaram a se experimentar, de maneira racional, procedimentos como esterilização forçada, interdição de casamentos mistos, até o extermínio puro e simples? Hannah Arendt entendeu, em seu *Origens do Totalitarismo*, que na Segunda Guerra Mundial métodos anteriormente reservados apenas aos ‘selvagens’ passaram a ser aplicados também aos ‘civilizados’ da Europa. Não terá sido esta a mais chocante dimensão do Holocausto – a saber que aquilo que era perfeitamente aceitável em relação aos negros subitamente foi também aplicado ao branco europeu?

Acredito que não podemos nos furtar dessas discussões se quisermos manter vivo o potencial transformador da psicanálise e se nos pretendemos ser resistência à repetição histórica que ameaça a civilização e nos leva à barbárie. Para não nos furtarmos desse mergulho necessário, temos que lembrar que somos todos Ismálias, seja a da torre encastelada, seja a de asas de Ícaro. Ninguém se salva, pois a ilusão de segurança no encastelamento é sintoma e não elaboração.

Referências

- BASTOS, A. L.; DOMINGUES, A; IMBRIZI, J. Sobre Sonhos, Titanics e Navios Negreiros. In.: David, E. C.; Assuar, G. (orgs.) *A Psicanálise na Encruzilhada: desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil*. São Paulo: Hucitec; Porto Alegre. Grupo de Pesquisa Egbé: Projeto Canela preta 7. Sedes Sapientiae, 2021.
- BENTO, C. *O Pacto da Branquitude*. São Paulo: Cia das Letras, 2022.
- BERNARDINO-COSTA, J; MALDONADO T. N; GROSFUGUEL, R. (orgs.) *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- BIRMAN, J. *Mal-Estar na Atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BIRMAN, J. *Do sonho ao pesadelo. O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CHINALI, M. A chegada da peste: cem anos da viagem de Freud aos EUA. (1909-2009) In.: Arquivo Maaravi. *Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 4, n. 7, out. 2010. ISSN: 1982-3053.

- DAVID, E. C.; VILAS-BOAS, P.; MOREIRA, L. S. Por uma psicanálise antirracista: a psicanálise na encruzilhada. In.: David, E.C.; Assuar, G. *A Psicanálise na Encruzilhada: desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2022.
- DIAS, C. R. Racismo e psicanálise: marcas coloniais na escuta. In.: David, E.C.; Assuar, G. *A Psicanálise na Encruzilhada: desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2022.
- FERENCZI, S. Reflexões sobre o Trauma. In.: *Ferenczi, S. Obras Completas, Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). ESB, vol. V. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980.
- _____, s. Fraulein Elizabeth Von R. In.: *Estudos Sobre a Histeria*. ESB. Vol. II Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980.
- _____, s. *Recordar, Repetir e Elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II* (1914) . ESB, Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980.
- IANNINI, G; TAVARES, PH. (orgs.) O Infamiliar (Das Unheimliche). In.: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Edição bilíngue comemorativa (1919-2019). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- KUNDERA, MILAN. *A ignorância*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- LAPLANCHE J.; PONTALIS J.B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MBEMBE, A. *A Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MURAT, L. *Praça Paris* (longa metragem) Brasil/Portugal (2018).
- NOGUEIRA, I. B. *A Cor do Inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectivas, 2021.
- PELBART, PETER PÁL. *Necropolítica Tropical: fragmentos de um pesadelo em curso*. São Paulo: N-1 edições, 2019.
- SOUZA, N. S. *Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: editora Graal, 1983.
- VERISSIMO, F. C. O Racismo nosso de cada dia e a incidência da recusa no laço social. In.: Kon, N; Abud, C; Silva, ML (orgs.) *O Racismo e o Negro no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2017.